

introdução

Esta tese foi idealizada a partir dos longos debates após as aulas do professor Júlio Diniz, durante o curso sobre a poesia de Mário, Oswald, Bandeira e Drummond. Os tópicos principais foram a construção da identidade nacional, os momentos de ruptura e o diálogo com a tradição. Estava no primeiro semestre e nenhum desses temas tinham sido abordado no projeto aprovado pelo exame de seleção. O entusiasmo das discussões após as aulas me convenceu que precisava mudá-lo, só não sabia como.

Uma coisa recorrente, dentro e fora da sala de aula, era as radicais tomadas de posição a favor ou contra Mário e Oswald. Isso não acontecia com Drummond e Bandeira, mas em relação aos dois poetas paulistas parecia um flamengo x vasca da literatura brasileira. Não se tratava de quem foi melhor poeta, título disputado entre Drummond e Bandeira. Discutia-se quem tinha sido mais ousado, inventivo, radical, inspirador. Alguém com bom senso disse que esta era uma polêmica inútil, porém ela já existia antes de nós, permanecendo junto com as obras dos autores. Tomei a tola rivalidade como pontapé inicial para re-escrever meu projeto de tese, talvez tudo tenha começado como um erro.

Nosso objetivo primordial tornou-se a recepção da dupla modernista entre os anos de 1945 e 1970. A escolha deve-se, em primeiro lugar, a um critério metodológico, o recorte necessário para limitar o foco da discussão; segundo, vários autores – dentre eles Antonio Candido, Silviano Santiago, Mário da Silva Brito – vêem o ano de 45 como o primeiro balanço do Modernismo e também seu fim, por causa da superação das propostas de 22, através da poesia social e do formalismo da geração de 45, além de ser o ano da morte de Mário de Andrade. Porém, não respeitei minha própria metodologia, pois senti a necessidade de voltar ao ano de 1922, para rever o papel de Monteiro Lobato e de Graça Aranha, e ao período de 24-29, no qual se processa o projeto nacionalista e ocorre o rompimento entre os Andrades.

No primeiro capítulo, procuramos demonstrar como a Semana de 22 foi articulada a partir do desejo de renovação dos escritores e do capital privado da aristocracia cafeeira. Nesse sentido, recuperamos a recepção do Modernismo em outros estados, sua problematização como “instituição paulista”, a presença orientadora de Graça Aranha, cuja liderança contestada pelos paulistas foi um meio de manter o ideário modernista no centro paulista. Interessa também a relação entre Mário e Oswald com o ambiente carioca dos anos 10, o convívio do primeiro com Manuel Bandeira e do segundo com Emílio de Menezes.

A viagem a Minas em 1924 como descoberta simbólica do Brasil, o que levará a elaboração do projeto nacionalista, é o tema do segundo capítulo. Privilegiamos a correspondência de Mário com Tarsila, Bandeira e Drummond para enfatizar como a questão do nacional, para ele, passava pela criação/estilização de uma “língua brasileira”. Esse é o ponto de maior confluência com Oswald de Andrade do “Manifesto pau-Brasil”. Também é o elo de Mário com José de Alencar. Logo, insinuamos o projeto modernista como uma reconstrução do projeto romântico. A discussão abrange a proposta antropofágica e a verde-amarelista, o impasse entre uma arte nacional internacional ou uma arte nacional exorcizadora das influências européias. O capítulo termina com o “anticlímax” *Retrato do Brasil*. Enquanto os escritores elaboravam uma visão otimista e ufanista da história brasileira, Paulo Prado, num lance original, propunha a melancolia como índice de nacionalidade. Essa visão é como um vírus inoculado numa imagem oficial do país e, talvez inconscientemente, expôs o tabu modernista ao eleger a “alegria como a prova dos nove”.

Balanços, como o título sugere, aborda as primeiras recepções do Modernismo na década de 40: as conferências de Mário no Itamarati, Oswald em Belo Horizonte, os livros de entrevistas *Testamento de uma geração* e *Plataforma de uma geração*.

O capítulo seguinte compreende a correspondência de Mário de Andrade, principalmente no período em que fora diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Tal recorte nos possibilita analisar, dentro de uma problemática pessoal, as relações entre o artista e o intelectual com o Estado. Além disso, pretendemos demonstrar como,

através de sua correspondência, o capital intelectual do escritor foi fundamental para sua ascensão dentro dos círculos aristocráticos, criando uma rede de boas relações que o levou a ocupar cargos públicos, realizando na prática um projeto de democratização da arte.

Através dos artigos e crônicas publicadas a partir de 1945, pensamos o envolvimento de Oswald de Andrade com o marxismo como reinvenção não só de sua escrita, mas principalmente de sua imagem. Quando se declara o final do Modernismo nesse ano, tacitamente excluía-se a produção do escritor, que segue firme e polêmico. Todo seu esforço concentra-se em desconstruir o mito da irreverência, arma eficiente nos anos 20, mas depois constituiria sua prisão.

Contribuição concreta retoma a defesa concretista da obra de Oswald. A ressurreição de Oswald, completamente obscurecido pela geração de 45, deve-se em muito ao empenho dos irmãos Campos - Haroldo em especial - ao tomá-lo como parâmetro histórico para a vanguarda concretista. Isso implicou uma leitura quase exclusivista do Oswald antropofágico, radical e cosmopolita. Imagem que se casava à perfeição com o modelo de cultura literária defendida pelos concretos, uma cultura *internacionalista*. Nesse processo, os concretistas delegaram a obra de Mário, especialmente sua poesia, a um segundo plano, às vezes um exemplo a não ser seguido. Ressalte-se que Haroldo de Campos dá pouco espaço ao nacionalismo oswaldiano, sua utópica re-escrita da história colonial na intenção de inverter os pólos entre colonizado e colonizador (ou seja, o “erro de português”). A *radicalidade* da poesia Pau-brasil, na visão de Campos, corresponde a uma radicalidade de linguagem muito próxima da estruturalista adotada pelos concretos.

Os concretistas acentuaram uma rivalidade entre Mário e Oswald, encobrando outra disputa nos bastidores literários de São Paulo: a primazia por um modelo de análise literária que tenderia ora a vê-la como um produto social, ora como um discurso estético autônomo. Assim haveria dois times em campo, a crítica sociológica e a crítica estruturalista. Ou mais precisamente, de um lado Antonio Candido, de outro Haroldo de Campos.

Antropofagia remixada discute as reconfigurações do conceito de antropofagia. Primeiro, pelo próprio Oswald de Andrade, em seus textos

filosóficos, que o retoma como contra-discurso ao desenvolvimento da sociedade capitalista; segundo pelos tropicalistas, sob orientação dos irmãos Campos, que encontram na antropofagia um discurso histórico capaz de confrontar o nacionalismo dos anos 60 e propor um outro diálogo com a cultura de massa. Neste último caso, através da lógica antropofágica, o Tropicalismo pôde fundir-se à literatura de vanguarda e, completando a linha evolutiva proposta pelo Concretismo, legitimar-se como produto de uma tradição de vanguarda na inteligência brasileira.

Em *Sínteses* procuramos alinhar as reflexões de Antonio Candido e de Silviano Santiago. O primeiro perpassa por todos os capítulos da tese, não apenas por causa de precisão dos seus ensaios, mas também pelo tipo de ensaística do autor, herdeira direta do estilo moderno de escrita. As preocupações de Candido, especialmente a respeito do cânone nacional, encontram, no Modernismo paulista, o terreno para síntese do conceito de “literatura como sistema”. Dessa forma, há um traçado do Romantismo ao Modernismo identificado como uma tradição literária. Além de prever o lugar primordial da correspondência na organização da vida literária, Candido aponta no movimento modernista o lugar da reconfiguração do nacionalismo literário.

Outra postura crítica tem surgido com os ensaios de Silviano Santiago e Eneida Maria de Souza. Silviano esboça em vários ensaios - "Fechado para balanço", "A permanência da tradição no discurso modernista", "O intelectual modernista revisitado", "Vale quanto pesa" e "Oswald de Andrade ou elogio da tolerância" - a necessidade de rever o projeto modernista, tanto em seus aspectos individuais quanto o seu lugar dentro do quadro geral da modernidade. Nessa proposta, desfaz a tensão Mário x Oswald, pensando-os como parte de um “mesmo processo”. Silviano busca no discurso modernista a permanência da tradição colonial, algo que Candido excluiu da “formação” da literatura brasileira. O que permitirá tal articulação é o *memorialismo*, dado que vem à tona através da leitura dos projetos pessoais dos seus participantes. Para tanto, cabe agora levantar um outro repertório de textos ignorados pelas primeiras leituras canônicas, qual seja, os diários, as correspondências, as polêmicas.

Os trabalhos de Eneida Maria de Souza são ilustrativos dessa abordagem. Partindo da análise das correspondências de Mário de Andrade, Eneida demonstra como os projetos individuais do intelectual estavam atrelados ao projeto modernista. Não é tanto a imagem do esteta que aparece, mas sim a do arquivista, do homem preocupado com o patrimônio. Eneida localiza aqui uma contradição entre o artista e o intelectual, pois enquanto esteta moderno Mário acredita na transitoriedade da arte, na impossibilidade da obra-prima; por outro, enquanto intelectual, luta pela preservação do patrimônio público.

Mário & Oswald são como uma espécie de Lennon & McCartney do levante modernista. Talvez Antonio Candido esteja certo quando diz que sobre eles repousa uma dialética fundamental para a cultura brasileira. Tanto suas idéias quanto e suas personalidades simbolizam os impasses da intelectualidade brasileira até pouco tempo atrás: participação no projeto de nação moderna e democrática, inserção no mercado internacional, combate ao totalitarismo político, atualização estética. A extensão de suas idéias ajudou a consolidar alguns lugares hoje oficiais para a discussão cultural, além do próprio Modernismo, como a crítica sociológica, o Concretismo e o Tropicalismo. De certo modo, desde o Tropicalismo, a música realiza os cruzamentos culturais planejados por Mário e Oswald, o que levou o jornalismo musical a banalizar a noção de antropofagia. É claro que há Paulo Coelho, o homem que tem exportado a literatura brasileira para os lugares mais distantes.